ATÉ QUE A MORTE SEPARE: LIBERDADE E APRISIONAMENTO AMOROSO EM *A NOIVA CADÁVER*

Natasha Ribeiro de Oliveira[1]

Luciane de Paula[2]

Resumo: Este artigo pretende analisar o relacionamento amoroso entre Emily, Victor e Victória no filme "A Noiva Cadáver", de Tim Burton[3]. A fundamentação teórica é bakhtiniana. Falar de um amor voltado ao (não) casamento significa tratar da inversão de valores sociais e trataremos disso a partir da obra de animação. Parte-se da concepção de ideologia para entender os sentidos produzidos na e pela linguagem nos sujeitos. O intuito é refletir acerca do amor e do casamento. Entender como a ideologia reflete e refrata o ambiente social criado por Burton é ponto de partida para a análise dos sujeitos e do amor na vida e na arte.

Palavras-chave: Bakhtin, ideologia, diálogo, sujeito, amor.

Introdução

O amor é fruto da dualidade da vida e da arte. É, sobretudo, um embate dialógico, não-harmônico, conflituoso, como pontua o Círculo de Bakhtin na concepção dialógica dos sujeitos que lutam uns com o(s) outro(s) e consigo– dentro das diversas concepções que podem existir para o eu – e, assim, por meio da alteridade, constituem-se como sujeitos de linguagem. Linguagem do amor, de amor, por amor e para o amor. Trata-se do embate de vozes, de ideias, de corpos que o tornam sujeitos por meio da língua comum que partilham – parte da convenção social que exige, como resposta, um "encaixe" na linguagem comum, como forma de regulamento de valores sociais, para que todos falem, por exemplo, a mesma linguagem, até no amor.

---

[1] Graduanda em Letras pela UNESP – Universidade Estadual Paulista, câmpus de Assis. nariiibeiro@gmail.com

[2] Docente do curso de Letras da UNESP – Universidade Estadual Paulista, câmpus de Assis; e do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa da mesma Universidade, câmpus de Araraquara. lucianedepaula1@gmail.com

[3] Este artigo é resultado de uma proposta de pesquisa de iniciação científica em andamento, intitulada "O estranho mundo de Tim Burton: uma análise dialógica de animações".

O amor luta na arena social junto aos valores materializados por meio dos enunciados vinculados à sociedade. Nessa concepção, dois (ou mais) sujeitos exigem amar e serem amados e mesmo que neguem o amor, não deixam de amar (negar algo é assumir a sua existência e não significa que não o sinta). Amar a si e ao outro, seja da maneira que for, é amar. Amar por meio da linguagem, em entrega de si ao outro, num ato de generosidade, liberdade e respeito (enunciado). Refletir sobre como isso ocorre (se acontece) a partir de e entre Emily, Victor e Victoria, em *A Noiva Cadáver*, de Tim Burton, tomado como ilustração da relação vida e arte é a proposta deste artigo.

1. Amo(r)-te Vida

Emily, a noiva cadáver de Tim Burton, aprende, no decorrer da trama fílmica, a amar a si mesma ao aprender a amar Victor. Ela se coloca como uma princesa dependente de um outro que a queira desposar. Ela ama a ideia de que o Victor pode lhe dar o que ela tanto quer – o casamento e este, visto como passaporte para a liberdade e a felicidade. Sem querer, Victor demonstra o quanto ela se auto aprisiona nessa condição, colocada pela situação por ela vivida e respeitada, de acordo com as convenções sociais. Ele aceita Emily e quase se casa com ela, mesmo amando Victoria.

Ao ver Victoria, Emily percebe que ela e Victor se amam e, principalmente, que ela não precisa se casar para ser amada, livre e feliz. Emily, depois de Victor ter feito o seu juramento no ato do casamento, no final do juramento dela, diz que não pode se casar com ele porque "Está errado. Eu era noiva. Meus sonhos foram roubados de mim. E agora, eu roubei os sonhos de outra pessoa. Eu amo você, Victor. Mas você não é meu". Finalmente, ela aprende a amar – a ponto de deixá-lo livre e de se entregar pela vida dele. Mais, a ponto de se defender, ter coragem de enfrentar a tudo para assumir sua identidade e, ao se amar, libertar-se. Junta Victor e Victoria (Fig. 1) e luta contra o homem que a iludiu para, no final, libertar a si e a Victor, devolvendo-lhe a aliança de casamento. Transforma-se em borboletas (Fig. 2) – borboleta, aliás, é o símbolo-tema da animação, pois, na abertura, Victor desenha uma

borboleta num caderno (Fig. 3) e, em seguida, liberta uma outra (Fig. 4), que mantinha presa, junto de si, em seu quarto:

Fig. 1

Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

O pensamento de liberdade aprisionada é muito antigo na sociedade. O sentimento de ser livre em suas escolhas e prisioneiro das consequências das opções realizadas já foi tema de muitos filósofos e de muitas obras artísticas. O sujeito é livre para amar quem quiser e quando quiser ou ir para onde bem entender quando bem entender, mas está preso ao sujeito ou objeto amado, num determinado tempo e espaço vividos. O “eu” é alimentado pelo “outro” e vice-versa. A maneira como o eu e o outro se relacionam é que faz a diferença, pois os torna únicos, como o enunciado, entoado de determinada maneira, num determinado lugar e tempo. O sujeito é definido pelos valores e discursos que o constituem em vida.

O amor e suas várias faces é complexo. Amor nunca é amor e ponto. Só. Simples e fácil de manipular, compreender e exercer. Ama-se no outro aquilo que é resposta para mim mesmo. Ama-se o que se odeia. Ama-se em paz e em guerra. Ama-

se o que falta e o que excede. Ama-se a imagem e a concepção. O outro contém a resposta para meus anseios, meus devaneios, meus sonhos e minhas concretizações. Emily vê, em Victor, a resposta para si mesma e ele também vê nela resposta a seus anseios. Um liberta e aprisiona o outro, em diversos sentidos. Cativos-cativadores.

Não é amor o que Emily sente por Victor quando ele, "acidentalmente", a pede em casamento e coloca um anel de compromisso, carregado de valor social, em seu dedo sob a forma metafórica de um galho retorcido. É a sua necessidade de ser desposada por um homem que a faz enxergar amor onde não há. Ela não só quer se casar, como ela precisa, para se concretizar – e, consequentemente, se finalizar, enquanto mulher, sujeito vivo. Todavia, a interação entre eles fez com que se apegassem e passam a se amar de um outro jeito. A vivacidade de Emily, embora seja um cadáver, advém não de um "simples" ritual, mas de sua simbologia, colocada como seu grande sonho: o casamento, tão cobrado pela sociedade como representação da concretude do amor e da felicidade. Ter sido enganada e assassinada por seu noivo em vida, bem como ver que não passou de um joguete para um golpe econômico a traumatizou e prendeu no mundo dos mortos com os ideais dos vivos – um dia, quem sabe, ainda encontrar um grande amor e com ele se casar.

Qualquer pessoa (como Victor que, por acidente, ao ensaiar o juramento de seu casamento com Victoria, colocou um anel de noivado em Emily, sem perceber que o que parecia galho era a mão de um cadáver – Fig. 5) estaria preso e ela obrigaria a pessoa a cumprir com sua promessa (falsa) – como fez com Victor, levando-o ao mundo dos mortos (Fig. 6) – por acreditar na realização de um possível "amor" (não) verdadeiro e estar presa à situação vivida, a desilusão amorosa, causa de sua morte (Fig. 7). O pedido feito por Victor não foi à Emily, mas um ensaio, todavia, para ela, o pedido se dirigiu a ela, uma vez que a aliança foi colocada em sua mão e ela aceita o pedido. Nem Victor nem Emily estão mais livres ou podem alegar desconhecimento da situação. O sujeito é sem álibi da existência. Impossível fugir (como tenta, num primeiro momento Victor, antes de aceitar a responsabilidade de seu livre-aprisionamento – Fig. 8). Já cantou Camões que amar "é estar-se preso por vontade".

Fig. 5

Fig. 6

Fig. 7

Fig. 8

A animação de Tim Burton faz uma crítica ferrenha ao casamento como contrato social desrespeitoso por usar as pessoas. Além dessa questão aparecer explicitamente no filme, a associação do ritual do casamento com um funeral e a inversão entre vida e morte é uma estratégia enfática para revelar o quanto os humanos estão mortos para valores como a amor, a honestidade, a liberdade e o respeito ao outro em contraste com os sujeitos que habitam o mundo dos mortos, sempre preocupados com o outro, muito mais humanos que os vivos.

Não é por acaso que há, do ponto de vista cromático, uma inversão explícita a esses sujeitos e seus mundos – tudo o que se passa no mundo dos vivos é escuro (em tons de pastéis, cinza, pouco branco e muito preto), sombrio, enquanto o mundo dos mortos é extremamente colorido e alegre, vivo. Enquanto os homens tramam nas sombras, pelos cantos, cochicham e convivem com poucos (com tendência à solidão, pois o agrupamento ocorre por interesses comuns), os cadáveres vivem coletivamente, em festa, partilham tudo e uns ajudam os outros. Se o mundo dos vivos é

representado pela vida privada, hierárquica do cronotopo da sala de estar de Dostoiévski; o mundo dos mortos é a encarnação do carnaval rabelaisiano.

Como mencionado, Emily é uma noiva cadáver que já esteve prestes a se casar. Da sua parte, por amor, da outra, por interesse. O casamento não foi realizado, foi um golpe, mas o sonho de se casar permaneceu, mesmo depois de morta, como valor-símbolo da realização do amor, felicidade e liberdade. A imposição para que as pessoas se casem é tão forte que ela atravessa a vida. O desejo de amar e ser amada aprisionou Emily, mesmo na morte. A ausência que o outro deixou em sua existência, por ser ele o "portador" efetivo do sonho do casamento, a consumiu de tal modo que isto se tornou o seu objeto de perseguição, o seu motivo de viver, mesmo morta. As pessoas em sua vida foram todas passageiras, enquanto ela se tornou eterna, estável, permanente. Emily, como as princesas Disney clássicas (mais especificamente a Bela Adormecida e a Branca de Neve) fica no mesmo local, imóvel, à espera de ser acordada para realizar o seu sonho de se casar, libertar-se e ser feliz para toda a eternidade. Emily não percebe que vive morta por se submeter ao aprisionamento da ideia de um amor irreal e que, com isso, priva-se de viver, estagnada a essa ideia fixa.

De acordo com Barthes (1981), a ausência amorosa só tem um sentido e só pode ser dita a partir de quem fica – e não de quem parte. Por isso, é plausível que a obsessão pelo casamento venha de Emily. A liberdade de não se casar existe e é subversiva, pois nega a imposição social. Isso não significa que a pessoa não ame. Bakhtin (2010) chama de carnavalização o processo de inversão dos padrões hierárquicos sociais em que há uma troca de posições e valores. A morte pode representar o re-nascimento, como é o caso de Emily, para uma outra condição e situação. Nesse sentido, a inversão proposta por Tim Burton na arquitetônica da obra demonstra esse processo de tentativa de carnavalização. Mesmo diante da possibilidade da liberdade, Emily opta por ficar presa à ideia fixa de felicidade por meio do casamento, dada a sua baixa auto-estima.

Quase na metade da trama fílmica, após Emily conhecer Victoria e ver que Victor a ama, ela entra em crise e se sente, novamente, enganada (como se sua história, na morte, repetisse o que passou em vida) e um retrato de sua baixa auto-

estima se explicita, num diálogo com a Aranha, que lhe diz que “Garotas assim são fáceis de encontrar. Você tem uma personalidade maravilhosa” e, a partir daí, uma canção sobre Emily é entoada, tanto pela Aranha quanto pela minhoca que a acompanham, enfatizando seus atributos e eles não se referem à beleza física ou a questões anatômicas, como estar viva (pulsação, pulmão e batimentos cardíacos) – qualidades enfatizadas por Emily para Victoria – mas sim à sua personalidade e jeito de ser: o sorriso e o jeito especial. O refrão revela o motivo da falta de amor: a falta de encantamento ocorre pela falta de convívio/diálogo – “Ele ainda te conhece tão mal”.

Emily canta a sua dor ao se comparar com Victoria e, apesar de enfatizar a diferença entre elas – uma estar viva e a outra, morta – o que prevalece é a igualdade entre elas, a passionalidade (Ex.: “Quando toco a vela, eu nunca sinto dor / tanto faz se estou no frio ou no calor / O meu coração não bate / mas ainda assim se parte / e não deixa de sofrer / recusando se render / a morte em mim está / mas ainda tenho lágrimas para dar”). O sofrimento de Emily não se volta ao Victor apenas, mas a si mesma. Ao mesmo tempo em que ninguém é o seu par amoroso, qualquer um pode vir a ser, pois Emily não está preocupada com o processo amoroso, efetivado diariamente, mas com o ritual do casamento. Isso porque acredita que ele (o casamento) seja passaporte para a sua felicidade e para se sentir amada, com a autoestima elevada por ser aceita. Por isso, ela se prende em um campo abstrato e o habita até que Victor (qualquer um) a tire dali, mesmo que involuntariamente.

A ideologia oficial é, segundo Bakhtin (2010), a que compactua com a ordem constituinte das hierarquias sociais e das classes dominantes. Emily, ao mesmo tempo que se submete à hegemonia do casamento, também resiste a ela, no final, ao despertar sobre o seu processo de aprisionamento voluntário. Primeiro ela se submete à ideia de que só pode ser feliz se casada para, depois, aperceber-se livre e viva, mais humana que os humanos, pois entende que amar é deixar livre e se libertar. A partir dessa compreensão, ela transforma-se. Emily se constitui como um sujeito em constante processo de (des)construção de linguagem, de corpo, de ideias e de amores.

O sujeito nunca age no vazio, mas inserido em um tempo-espaço. Emily enuncia a partir de seu corpo, como viva, no mundo dos mortos. Ela nunca é a mesma,

nem as suas paixões. O amor não está limitado ao coração, mas está presente – e fala – por meio de todo o corpo. O sujeito é a arena onde as paixões habitam e lutam constantemente. Uma paixão se destaca em meio às outras momentaneamente, não eternamente, como em um acabamento. A paixão toma a alma do sujeito em um impulso e o faz agir de acordo com o momento, sem pensar, muitas vezes. Assim é que, tomada pela paixão, Emily se entrega a Victor quando este coloca o anel em seu "dedo", mas, sobretudo, entrega-se a si mesma, ao seu desejo de ser amada.

Victor se tornou noivo de Emily sem querer. A sua "escolha" – também involuntária – é por Victoria, que o espera no mundo dos vivos. O amor de Victor por Emily habita o reino da compaixão. Já o contrário, o amor de Emily por Victor, se, no início, é inexistente, pois o que impera é o desejo de se casar, no final, com o convívio, ocorre e só porque Emily aprende a amar é que consegue se libertar e libertá-lo.

A imposição da sociedade pelo enlace matrimonial é tão forte a ponto de Emily se apropriar dele e incorporá-lo. Não é, entretanto, no início do filme, o sentimento, o motivo de exaltação do amor, mas o casamento (como negócio – Victor e Victoria sequer se conhecem e foram prometidos um ao outro). Apenas com o decorrer da narrativa é que o amor é construído, aos poucos, pelo diálogo entre os sujeitos. As imagens refletidas e refratadas do mundo são diversas dentro do "eu" que ama a si e/ou ao outro e concebe o amor como uma resposta aos padrões valorativos da sociedade. O valor social para o amor é de ordem de força centrífuga, que une tudo e nivela o pensamento amoroso no mesmo patamar, para que todos pensem e ajam igual (casando-se, necessariamente). Entretanto, o valor de ordem de força centrípeta pode ocorrer no interior do sujeito de variadas maneiras, imprevisíveis às habituais (o amor de Victor por seu cachorro – morto e dado a ele de presente por Emily, que sabia quanto apreço um tinha pelo outro; e o amor que Victor sente por Emily, não necessariamente como sua esposa, mas como um outro ser humano que o constitui são exemplos de amores). O amor não é singular e nem único. O amor é os amores, de diversos tipos e a tudo o que envolve os sujeitos e a vida – amor à família, aos amigos, ao trabalho, aos animis, a si, ao professor, ao aluno, ao mendigo, ao país, à leitura etc. Ambas as forças, centrípeta e centrífuga, ocorrem ao mesmo tempo dentro de cada

sujeito, que se caracteriza como impulso e contenção.

Durante a sua trajetória como heroína da obra fílmica, Emily está em processo, embora pareça ter seus ideais bem definidos. Há um casulo em si mesma (representado pelo casamento) que a impede de olhar a situação sob outra perspectiva, que a impede de se abrir para outras possibilidades e vivências. Ainda que o casamento seja sua meta, é ele que a priva durante a sua morte inteira de ser livre e seguir em frente. Entretanto, a inversão de valores ocorre quando ela resiste ao que é imposto e age de modo diferente do esperado. A heroína previsível e obsessiva se liberta, em um movimento centrípeto, e se diferencia da constituição fechada e acabada de amor imposta pela sociedade. Com seu ato, ela sai do casulo, liberta Victor para que ele possa viver seu amor com Victoria, mas, sobretudo, ela se liberta. A morte de seu sonho de se casar, obsessivamente perseguido durante toda a sua vida pós-morte, é metamorfoseado em borboletas livres, que voam para (o) além, quando Emily percebe que não precisa daquilo, de fato, para ser feliz.

Considerações finais

Todo signo é ideológico porque é materializado em enunciados e estes, por sua vez, são produções sociais do homem. O sujeito é fruto de uma sociedade e tempo específicos. Por estar inserido no social, o sujeito toma para si as definições impostas pelo outro, como se fossem suas e, assim, age da mesma forma como os demais em uma reprodução convencionada sobre um determinado assunto: no caso, a ideia de que o amor se expressa e realiza pelo casamento, única e exclusivamente. Pensar em um sujeito de linguagem sob a perspectiva do amor significa contextualizá-lo, saber de qual tempo e qual espaço ele enuncia, age e ama. A partir do outro é que o eu se constitui como sujeito. A identidade se constrói por meio da alteridade. Libertar-se das imposições valorativas é se colocar, de fato, à disposição do amor.

A imposição social é dura e inflexível, mas sair dos padrões também não é simples. Admitir amar e viver o amor, carnavalizar a vida, numa era em que os

negócios e a liquidez dura como bloco de gelo imperam é subversivo, difícil e corajoso. Atos rebeldes já levaram muitos homens à morte, mas também trouxeram vida à humanidade. Sem os ideais, a vida ordinária assim se torna (ordinária) e isso é insuportável, morte em vida. Que nós, como Emily, Victor e Victoria, possamos nos metamorfosear e sair da condição de aprisionamento em que vivemos mortos em nossos casulos protetores que nos isolam dos outros e não nos deixam amar. Que tenhamos coragem de amar e de nos permitir sermos amados sem esperar morrermos, sem deixarmos que nossas vidas sejam mortes-vivas repletas de obsessivas buscas fúteis e inúteis. Há tanto para amar. Que possamos nos borboletear.

Referências bibliográficas

BAKHTIN, M. M. *Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento*: o contexto de François Rabelais. São Paulo: Hucitec, 2010.

___. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes, 2011.

___. *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João, 2013.

___. *Problemas da Poética de Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

___ (VOLOSHINOV). *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2002.

___. *Discurso na Vida e Discurso na Arte*. Tradução de Carlos Alberto Faraco para fins acadêmicos. Mimeo, s/d.

BARTHES, R. *Fragmentos de um Discurso Amoroso*. Rio de Janeiro: F. Alves, 1981.

BURTON, T. *A Noiva Cadáver*. Warner Bros. Pictures, 2012 (DVD).